

O PAPEL DO ESPÍRITO NO PENSAMENTO EUCARÍSTICO DE JOÃO CALVINO
The Role of the Spirit in the Eucharistic thought of John Calvin

Lucas de Azevedo Carvalho*

RESUMO

João Calvino destacou-se como um dos grandes nomes da teologia, sendo um referencial para a cristandade. Seu pensamento eucarístico desempenha um papel significativo nas tradições reformadas, com conceitos como "presença espiritual de Cristo" e "sursum corda" influenciando a compreensão da santa ceia. Calvino rejeitou a transubstanciação romana, a consubstanciação luterana e a visão memorialista de Zwinglio, propondo uma presença espiritual de Cristo nos elementos da ceia, que servem como meios de graça e sacramentos. Calvino se opôs à ideia de que Cristo desce do céu para estar presente nos elementos eucarísticos, enfatizando a importância da presença do Espírito Santo na ceia, permitindo que os crentes sejam elevados aos céus espiritualmente. Ele buscou uma via média entre as posições extremas, defendendo uma presença espiritual de Cristo na ceia, sem recorrer à transubstanciação, consubstanciação ou pura memorial.

Palavras-Chaves

Calvino. Presença Espiritual. Eucaristia. Espírito Santo. Tradições Reformadas.

ABSTRACT

John Calvin stood out as one of the great figures in theology, serving as a reference point for Christianity. His Eucharistic thought plays a significant role in Reformed traditions, with concepts such as the "spiritual presence of Christ" and "sursum corda" influencing the understanding of the Holy Communion. Calvin rejected Roman transubstantiation, Lutheran consubstantiation, and Zwinglian memorialist views, proposing a spiritual presence of Christ in the communion elements, which serve as means of grace and sacraments. Calvin opposed the idea of Christ descending from heaven to be present in the Eucharistic elements, emphasizing the importance of the presence of the Holy Spirit in the communion, allowing believers to be spiritually elevated to heaven. He sought a middle ground between extreme positions, advocating for a spiritual presence of Christ in the communion without resorting to transubstantiation, consubstantiation, or pure memorialism.

Keywords

Calvin, Spiritual Presence, Eucharist, Holy Spirit, Reformed Traditions.

* Mestre em Teologia Sistemática no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ). Bacharel em Comunicação Social pelo Uniceub (DF). Graduado em Teologia com ênfase nas línguas originais pelo Seminário Bíblico Palavra da Vida (Atibaia/SP). Especialista em Aconselhamento Bíblico pela mesma instituição.
E-mail: carvalho.lucasemari@gmail.com

INTRODUÇÃO

Sem sombras de dúvidas, Calvino foi um dos grandes nomes da teologia. Talvez tenha sido aquele que, usado pelo Senhor, conseguiu dogmatizar a teologia ortodoxa de forma coerente e acessível aos cristãos de sua era e das eras vindouras. O pensamento do reformador, em sua maioria, é uma linha de corte, ou seja, há discordâncias na teologia de Calvino, mas, geralmente, é necessário entender seus escritos, antes de sistematizar qualquer doutrina. O reformador é uma referência em teologia para toda a cristandade.

Dito isso, o pensamento eucarístico de João Calvino é bastante usual nas tradições reformadas. De maneira geral, as igrejas e os cristãos reformados adotam em parte ou em sua totalidade aquilo que Calvino sistematizou como teologia da sacra ceia. Conceitos como: “presença espiritual de Cristo”, “*sursum corda*”, parecem encontrar respaldo na teologia de Calvino, de modo que é praticamente impossível – ou deveria ser – falar acerca da eucaristia sem visitar seus documentos, uma vez que ele conceituou muito do que a cristandade assegura e confessa.

1 AS VISÕES SOBRE A PRESENÇA DE CRISTO E A RESPOSTA DE CALVINO

O papel do Espírito no pensamento eucarístico de Calvino surge da polêmica a respeito da presença de Cristo na Ceia. Para ele, a presença de Cristo na eucaristia não é nem romanista, nem luterana e nem zwingliana. Esses nomes, ainda que usados de forma comum, precisam ser entendidos.

Para os romanistas, os elementos, pão e vinho, transformam-se literalmente no corpo e no sangue de Cristo. É necessário dizer que a Igreja católica afirma que não é possível sentir o gosto da carne, nem mesmo sentir seu cheiro. Mas, ainda sim, o pão e o vinho são, literalmente, o corpo e o sangue de Cristo. Na Igreja romana, o pão é verdadeira carne, o vinho verdadeiro sangue. Os elementos são transubstanciados. Sobre o tema, o reformador afirma: “*É assombroso como puderam cair em tão crassa ignorância; mais ainda, ceder a tal estultice, que não só a Escritura refugou trazer a público tal monstro, mas também o consenso da Igreja antiga*”¹. Para Calvino, o conceito de transubstanciação é um completo absurdo.

Em 1538, Calvino responde o Cardeal Sadoletto que havia enviado uma carta a Genebra tentando exortar o povo a voltar para Roma. O reformador, de forma dura, contrapõe e adentra na questão da Ceia, defendendo teológica e historicamente a questão. Calvino aponta Agostinho e aconselha que o Cardeal leia corretamente a obra desse gigante da teologia. Ele assevera:

Quanto ao sacramento da Santa Ceia tu nos repreendes por limitar o Senhor do céu e da terra junto com Seu divino e espiritual poder (que é livre e infinito) nos limites de um corpo natural, que tem suas próprias medidas e proporções. Mas quando deixarás de nos caluniar? Sempre testemunhamos abertamente que não somente o poder divino de Cristo, mas também Sua essência se estende por todos os lugares e não tem limite algum; e tu não tens vergonha de reprovar-nos por termos encerrado a Cristo nos limites de um corpo natural? [...] Entretanto, não devias tachar caluniosamente nossa doutrina de novidade, uma vez que este artigo sempre foi visto na igreja como certo. Porém, posto que esta discussão, por sua magnitude, poderia encher um livro inteiro, seria melhor, para não molestarmos, que lesse a carta de Agostinho a Dardano, na qual encontrarás que unicamente Cristo, pela grandeza e magnitude de Sua

¹ CALVINO, Institutas, IV, 17, 14.

divindade, excede céus e terra. Por outro lado, em Sua humanidade não está em todo lugar. [...] Na Ceia não rejeitamos a presença de Cristo, através da qual a Ele nos unimos e nele somos enxertados; [...] Ao ter ensinado que essa tão estúpida adoração (que impedia os espíritos humanos, mantidos presos aos elementos deste mundo, de vir a Cristo) era perversa e iníqua, não o fizemos sem o consentimento da Igreja primitiva, com a qual querias, de bom grado (ainda que em vão), encobrir as abomináveis superstições que reinam, ainda, entre vós².

Outro pensamento que Calvino pejeja é a ideia Luterana. Para essa vertente, o conceito de transubstanciação não é a melhor explicação, contudo, a posição luterana parece ser semelhante a anterior. Para eles, Cristo está “sobre” ou “com” os elementos (consustanciação). Surge uma ideia conhecida como ubiquidade. Calvino é feroz em rebater essa opinião, uma vez que criaria um Cristo “fantasma”³. O reformador genebrino alega:

Ora, se alguém quiser unir o corpo e o sangue de Cristo com o pão e o vinho, necessariamente haverá de separar um do outro. Pois, como o pão é apresentado separadamente do cálice, assim o corpo unido ao pão terá que ser dividido do sangue encerrado no cálice. Ora, como afirmam que o corpo está no pão, o sangue no cálice, o pão e o vinho, contudo, entre si distem pelos espaços de *seus* lugares, não podem evadir-se com nenhuma evasiva dizendo que o sangue deva distinguir-se do corpo. *O* que, porém, costumam alegar, dizendo que, mediante concomitância, como imaginam, o sangue está no corpo, e por sua vez o corpo está no sangue, obviamente é por demais inútil, quando os símbolos, nos quais estão inclusos, são distinguidos dessa forma.⁴

Já Zwinglio, afirmava que a presença de Cristo na ceia era apenas memorial. O reformador asseverava que nem a transubstanciação romana e nem a consustanciação ou ubiquidade luterana acertavam. Pelo contrário, a ceia era apenas uma lembrança do evangelho. Cristo, uma vez que estava no céu, não poderia descer, nem mesmo espiritualmente.

Esse não foi o conceito de Calvino. Ombreado em Martin Bucer, Calvino defendeu a ideia da presença espiritual de Cristo. A ceia é um meio de graça e um sacramento. Portanto, a presença de Cristo se dá de modo representativo nos elementos do pão e do vinho. Em 1537, em seu *Brève Instruction Chrétienne* ele afirma: “*É por isso que o corpo e o sangue são representados para nós por meio do pão e do vinho, para que aprendamos, não somente que eles são nossos, mas também que eles são vida e nutrientes para nós*”⁵. Nesse pequeno catecismo Calvino deixa claro que a presença de Cristo é representada no pão e no vinho, ao mesmo tempo que eles são nutrientes para alma. Por nutriente, é óbvio, ele não está abraçando a ideia romanista. Nem flertando com Lutero. Calvino conceitua a realidade das palavras de Jesus (Jo 6.55), mas a interpreta com aspectos espirituais, ou seja, um nutriente para a alma. Essa pequena afirmação, de alguma maneira, sintetiza o pensamento eucarístico do reformador.

² CALVINO. João. **De Calvino ao Cardeal Sadoletto**. Disponível em: <http://projetocasteloforte.com.br/wp-content/uploads/2017/03/DE-CALVINO-AO-CARDEAL-SADOLETO-COM-CAPA.pdf>. Acessado: 20 de novembro de 2019.

³ CALVINO, Institutas, IV, 17, 17.

⁴ CALVINO, Institutas, IV, 17, 18.

⁵ CALVINO, João. **A verdade para todos os tempos: um breve esboço da fé cristã**. São Paulo: PES, 2008.

É nesse ponto que o papel do Espírito parece tomar certa importância em seu pensamento. Calvino alega:

Muito se enganam, porém, *os* que não concebem na Ceia nenhuma presença da carne de Cristo, a menos que *ela* esteja vinculada ao pão. Assim, pois, nada deixam à operação secreta do Espírito além da união do próprio Cristo conosco. A esses, Cristo não parece presente, a menos que *ele* desça até nós. Como se ao nos elevarmos até ele, não nos fizesse igualmente desfrutar de sua presença! Logo, a questão é apenas quanto ao modo dessa presença, porquanto vinculam a Cristo no pão; *nós*, porém, julgamos não nos ser lícito removê-lo do céu. Qual das duas *posições* seja a mais correta, que os leitores julguem. Contanto que se evite a calúnia de tirar Cristo de sua Ceia, caso o encerrem debaixo do pão. Ora, uma vez que este seja um mistério celeste, não é necessário que Cristo seja trazido para baixo a fim de estar unido a nós.⁶

Calvino é implacável ao acertar tanto o Romanismo, como o Luteranismo e o zwinglianismo. Para ele, uma via média é necessária. A controvérsia que cerca a igreja é de extremos ou da negação sobre a presença de Cristo. João Calvino é equilibrado em propor algo lógico e teologicamente defensável. Ele traz à tona algo que, aparentemente, não está presente em nenhuma dessas posições, que é a presença do Espírito na eucaristia. Aqueles que comem do pão e bebem do vinho são levados aos céus por meio do Espírito.

Philip Graham Ryken, falando acerca da “União do crente com Cristo” no pensamento de Calvino, faz a seguinte declaração: “De modo semelhante, a Ceia do Senhor é o sinal visível e o selo da continuação em Cristo da comunhão com Ele pela presença do Espírito Santo”⁷. Ryken insiste na ideia de que – para Calvino – a presença do Espírito na ceia é de suma importância para o Cristo.

2 UM PASSEIO NAS INSTITUTAS

Nas Institutas, Calvino enfatiza bastante o papel do Espírito na eucaristia. É necessário analisar ponto a ponto para entender o papel do Espírito na eucaristia. Quando ele fala acerca dos sacramentos, por exemplo, o Espírito é de suma importância, uma vez que, para Calvino, o sacramento em si mesmo não pode produzir nada no cristão. O Espírito é aquele que aumenta a fé. Sobre o tema ele diz:

Por isso, no que respeita à confirmação e aumento da fé, gostaria que o leitor ficasse de sobreaviso de que, ao atribuir aos sacramentos a função de confirmar e aumentar a fé, não é porque eu creia que eles tenham unida a si não sei que virtude oculta, com a qual por si mesmos podem impulsionar e aumentar a fé; mas porque Deus os instituiu para este fim. Portanto, eles desempenham perfeitamente sua função quando aquele Mestre interior, que é o Espírito, acrescenta sua própria virtude, somente a qual penetra nosso coração, move nossos afetos e abre a porta aos sacramentos para que penetrem nossa alma. Caso ele nos falte, os sacramentos nada mais podem nos oferecer à mente do que faz a claridade do sol aos olhos cegos, ou o som de uma voz aos ouvidos moucos. Portanto, de tal modo divido entre o Espírito e os sacramentos, que o poder de agir resida na mão daquele; com estes, só se deixa o ministério; e este, sem a ação do Espírito, é vazio e inútil; agindo, porém, aquele interiormente, e externando sua força, então se tornam plenos de eficácia.⁸

⁶ CALVINO, Institutas, IV, 17, 3

⁷ PARKSONS, Burk. **João Calvino: amor à devoção, doutrina e Glória de Deus**. São José do Campos: Editora Fiel, 2010.

⁸ CALVINO, Institutas, IV, 14, 9.

Calvino deixa claro seu ponto, discordando de Luteranos e Católicos quanto a eficácia do sacramento. O pão é pão, o vinho é vinho. Quem come o pão, come aquele elemento que ali está. Quem bebe o vinho, bebe o fruto da videira. Ou seja, não há nenhuma mudança nos elementos. O que ocorre quando alguém participa dignamente da Sacra Ceia é a ação do Espírito Santo unindo o cristão a Cristo – em sua totalidade – por meio de uma obra que Calvino chama de misteriosa. A ênfase do reformador é que, aqueles que são habitados pelo Espírito, são guiados, alimentados e cuidados, ao ponto de que o sacramento da Ceia é um meio de graça, criado por Deus, para o benefício espiritual do cristão.

Esse ponto fica bem claro quando ele assevera:

Agora, essa sacra comunhão de sua carne e sangue, pela qual Cristo transfere a nós sua vida, não de outra forma senão que penetra nossa medula, a atesta e a sela também na Ceia, e certamente não nos oferece um sinal inútil ou vazio, antes, exhibe aí a eficácia de seu Espírito, graças à qual leva a bom termo o que promete.⁹

Michael Horton, comentando sobre o pensamento reformado da Eucaristia, faz a seguinte afirmação sobre o pensamento de Calvino: “Assim, para Calvino, a Ceia sela a promessa de Deus com relação nós e desse modo confirma a nossa fé, exatamente como o Espírito cria fé por meio da pregação do evangelho”¹⁰.

Calvino defende a ideia de que o corpo de Cristo não poderia descer a esse mundo como a cúria romana afirmava. Para ele, não tem o menor sentido e incorre em grave erro admitir que Cristo estaria fisicamente presente nos elementos, uma vez que Ele mesmo já havia subido aos céus. O reformador apela para o texto de Atos 3.20-21, para dizer que Cristo ficará, corporalmente, no céu até seu retorno glorioso. Sua conclusão é a seguinte:

Evidentemente, tampouco isso se faz necessário para que dele usufruamos de participação, quando o Senhor nos doa este benefício por meio de seu Espírito: que nos tornamos com ele um só corpo, espírito e alma. Portanto, o vínculo desta conjugação é o Espírito de Cristo, de cujo nexos somos ligados e é como, por assim dizer, o canal pelo qual nos advém tudo quanto o próprio Cristo não só é, mas inclusive tem.¹¹

Como o corpo e o sangue de Cristo se mostram no sacramento? O reformador afirma:

Ora, posto que detraiu de nós sua carne e, no corpo, ascendeu ao céu, todavia ele está assentado à destra do Pai, isto é, reina no poder, na majestade e na glória do Pai. Este reino não se limita a qualquer espaço de lugares, nem é circunscrito por qualquer dimensão. De modo que Cristo não manifesta seu poder onde quer que bem o queira, no céu e na terra, que presente não se exhiba em poder e força, que não esteja sempre presente aos seus, neles soprando sua vida, neles vivendo, sustentando-os, firmando-os, revigorando-os, conservando-os sãos e salvos, não de outra forma senão como presente em corpo; em suma, os apascenta com seu corpo, cuja comunhão lhes comunica

⁹ CALVINO, Institutas, IV, 17, 10.

¹⁰ HORTON, Michael. **Doutrinas da Fé Cristã**. São Paulo: Editora Cultura Crista, 2016. p. 851-852

¹¹ CALVINO, Institutas, IV, 17, 12.

pelo poder de seu Espírito. É assim que o corpo e o sangue de Cristo se exibem no sacramento.¹²

Outro assunto importante é elucidar como os benefícios do corpo e sangue de Cristo são comunicados aos crentes. Discordando de Zwinglio, que cria apenas em memorial. Calvino assevera que essa ideia esvazia o significado das palavras do Senhor Jesus, bem como não traria nenhum benefício ao cristão. Portanto, para ele, a Ceia é a “*união da realidade com a substância*”¹³. Ainda mais, Horton faz uma importante afirmação sobre o pensamento de Calvino. Quando o reformador diz que somos alimentados ou unidos a Cristo espiritualmente “*nesse caso refere-se à pessoa – o Espírito Santo – e não meramente ao modo intelectual ou imaginário de alimentar-se*”¹⁴. A ceia como alimento espiritual diz respeito a união, por vínculo do Espírito, entre o cristão e Cristo. O Espírito não substitui o Senhor Jesus, mas une o cristão a Ele. João Calvino conclui essa questão da seguinte maneira:

Por isso, quando fala de nossa participação com Cristo, a Escritura atribui ao Espírito todo seu poder. Contudo, por muitas bastará só uma passagem. Pois Paulo, no capítulo oitavo da *Epístola* aos Romanos, declara que Cristo habita em nós não de outro modo, senão por seu Espírito, com o quê, no entanto, não detrai aquela comunhão de carne e sangue da qual está agora a tratar-se, pelo contrário ensina que somente pela operação do Espírito possuímos Cristo inteiro e o temos permanentemente em nós.¹⁵

Para ele, o Filho e o Espírito agem igualmente na Santa Ceia. As palavras do filho são totalmente verdadeiras e o Espírito as tornam reais e aplicáveis aos crentes na celebração do sacramento. Os benefícios e a apropriação do corpo de Cristo só são possíveis por vínculo do Espírito. Uma vez que o Espírito habita o cristão e que há uma promessa do retorno glorioso do Senhor Jesus, o comer da ceia é um ato contínuo de fortalecimento, lembrança de suas promessas, comprovação pública do engajamento com a Igreja, até que Ele volte.

Um ponto que merece destaque no pensamento de Calvino é a ideia do *sursum corda*. A ideia por trás dessa expressão é de uma oração no qual aquele que eleva seu coração ao Senhor. Essa ideia é antiga, mas difícil de datar exatamente. Jack Kinneer faz o seguinte comentário: “*Nossa fonte mais antiga para o Sursum corda está na Tradição apostólica de Hipólito, cap. 4, escrita aproximadamente em 215. Aqui, já temos todo o diálogo pré-eucarístico que será parte de praticamente todas as liturgias até a Reforma.*”¹⁶. Cipriano também usa a mesma ideia. Kinneer continua:

A testemunha mais antiga do *Sursum corda* em latim, e seu primeiro comentário conhecido, estão em Cipriano, *Da Ceia do Senhor*, cap. 31. Cipriano foi martirizado em 258. É certo, portanto, que o *Sursum corda* é um texto litúrgico bem antigo, de uso amplamente disseminado pelo início do século III. Nossas fontes não chegam a antes disso, mas, dados os paralelos bíblicos ao *Sursum corda*, suas origens são provavelmente mais antigas¹⁷.

¹² CALVINO, Institutas, IV 17.18.

¹³ HORTON, Michael. p 853.

¹⁴ Idem.

¹⁵ CALVINO, Institutas, IV, 17, 12.

¹⁶ KINNEER, Jack. O uso do "sursum corda" em Calvino. **Sociedade pela liturgia reformada**. Trad. Eduardo Henrique Chagas. Disponível em [http://liturgiareformada.blogspot.com.br/2017/01/o-uso-do-sursum-corda-em-calvino.html], Acesso em 7 de dezembro de 2019.

¹⁷ Idem.

Calvino usa essa mesma ideia nas *Institutas* para defender que os elementos não devem ser adorados, como os católicos fazem. Ele apela a própria tradição para contraditar essa ideia absurda de adorar os elementos. Para Calvino, o *sursum corda* foi instituído para evitar esse erro grotesco. Ele escreveu:

Tampouco foi por outro motivo que outrora foi instituído que antes da consagração fosse o povo admoestado em alta voz a ter o *sursum corda* [= corações para o alto]. Também a própria Escritura, além de nos narrar diligentemente a ascensão de Cristo, pela qual ele afastou sua presença de nossa vista e trato de seu corpo, para que nos afastasse toda cogitação carnal a seu respeito, sempre que o rememora, ordena às mentes que se ergam ao alto e no céu o busquem assentado à destra do Pai [CI 3.1,2]. Segundo esta regra, deve-se antes adorá-lo espiritualmente na glória celestial do que cogitar-se esse gênero tão perigoso de adoração, saturada de conceito carnal e crasso a respeito de Deus.¹⁸

O culto solene, muito menos a adoração ao Senhor poderia ser substituída ou afrontada com pessoas prostradas ante o pão, ou adorando o vinho. Calvino é duro em enfatizar que isso era uma profanação bíblica e um erro histórico. Ele conclui essa sessão assim:

Por isso, *aqueles* que cogitaram a adoração do sacramento não só a sonharam para si próprios, à parte da Escritura, onde não se pode mostrar nenhuma menção, a qual, contudo, não teria sido omitida caso essa adoração fosse aceitável a Deus; mas também, bradando a Escritura em contrário, uma vez deixado de lado o Deus vivo, fabricam para si um Deus ao arbítrio de seu desejo. Ora, porventura não é idolatria adorar os dons em vez do próprio Doador? Onde se pecará duplamente, porque não só arrebatam a honra destinada a Deus, transferindo-a à criatura, como também *ele* próprio *foi* aviltado e seu benefício poluído e profanado, enquanto que de seu santo sacramento foi feito um ídolo execrável. Nós, por outro lado, para que não caiamos no mesmo fosso, fixemos inteiramente os ouvidos, os olhos, os corações, as mentes, as línguas na sacra doutrina de Deus. Pois é essa a escola do Espírito Santo, o melhor Mestre, na qual de tal modo se avança que nada se deve adquirir de outra parte; senão que se deve ignorar de bom grado tudo quanto não é nela ensinado.¹⁹

Michael Horton, citando Philip Walker Butin, assevera que para Calvino a ascensão de Cristo deixa de ser um problema. Cristo age por meio do Espírito Santo e que esse é o vínculo de comunicação entre a Igreja e Cristo, que está ativo em graça em seu trono celestial. Walker diz o seguinte sobre a ascensão de Cristo:

Pelo contrário, ela contribui para uma ênfase distintivamente positiva e “direcionada para cima” para toda a teologia eucarística. A abordagem de Calvino nesse ponto, assim, complementa e completa a ênfase luterana “direcionada para baixo” na encarnação com uma ênfase igual “para cima” na ressurreição e ascensão. Há uma “maneira de descer pela qual ele nos eleva a si mesmo”. Não apenas Cristo (no Espírito) condescende em se manifestar aos cristãos por meios visíveis, concretos e criados; ao mesmo tempo pelo Espírito, a Igreja adoradora é elevada à adoração celestial pelo Pai pela mediação do Cristo ascendido, que está assentado com o Pai nos lugares celestiais. Para Calvino, isso acentua, em vez de diminuir, a humanidade verdadeira de Cristo²⁰.

¹⁸ CALVINO, *Institutas*, IV, 17, 36.

¹⁹ *Idem*.

²⁰ HORTON, Michel. p. 854.

Para Calvino, o *sursum corda*, apesar de fazer parte de uma liturgia católica, é útil para ensinar corretamente o povo acerca da real humanidade de Cristo. Os corações são elevados aos céus – onde Cristo habita – ao invés do Senhor Jesus descer sobre ou nos elementos da eucaristia. O *sursum corda* deve ser parte da liturgia uma vez que coopera com a compreensão correta da eucaristia.

3 CONFSSIONALIDADE E O PAPEL DO ESPÍRITO NA EUCARISTIA

As confissões reformadas parecem andar no mesmo tom quando lidam com o papel do Espírito na Sacra Ceia. Pensando nas principais confissões, há uma enorme similaridade entre aquilo que já fora proposto por Calvino – ou como o pensamento já estava sendo articulado.

O Catecismo de Heidelberg, escrito por Gaspar Oliviano e Zacarias Ursino é um texto que tinha por intenção solidificar o pensamento calvinista sobre a presença de Cristo na eucaristia. Publicado em 1563, o catecismo foi organizado em domingos, ou seja, a ideia é que cada Dia do Senhor, o povo aprendesse e relembresse mais um pouco acerca das doutrinas bíblicas. No domingo vinte e oito, pergunta setenta e seis, o catecismo é enfático em responder o que significa comer o corpo crucificado e beber o sangue derramado. A resposta é um espelho bem exato do pensamento calvinista.

Significa aceitar com verdadeira fé todo o sofrimento e morte de Cristo e assim receber o perdão dos pecados e a vida eterna (1). Significa também ser unido cada vez mais ao santo Corpo de Cristo (2), pelo Espírito Santo que habita tanto nEle como em nós. Assim somos carne de sua carne e osso de seus ossos (3) mesmo que Cristo esteja no céu (4) e nós na terra; e vivemos eternamente e somos governados por um só Espírito, como os membros do nosso corpo o são por uma só alma (5). (1) Jo 6:35,40,47-54. (2) Jo 6:55,56. (3) Jo 14:23; 1Co 6:15,17,19; Ef 3:16,17; Ef 5:29,30; 1Jo 3:24; 1Jo 4:13. (4) At 1:9,11; At 3:21; 1Co 11:26; Cl 3:1. (5) Jo 6:57; Jo 15:1-6; Ef 4:15,16²¹.

Para esse catecismo, a união entre Cristo e sua noiva, se dá por meio do vínculo do Santo Espírito. A ceia, portanto, é o meio de graça, instituído por Cristo, para que o benefício da união mística seja promovido e assim o povo seja alimentado espiritualmente. O catecismo não se furta em dizer que ali, na Sacra Ceia, somos “carne de sua carne e osso de seus ossos”. O Catecismo não se acovarda em afirmar que a real humanidade de Jesus não é um problema, uma vez que ele não desce até nós nos elementos, mas somos unidos a Ele, por meio do Santo Espírito que nos faz uma só alma.

A Confissão Belga (1561), elaborada por Guido de Brès é um documento importante da tradição reformada. Ela foi adotada somente em 1566 no Concílio de Antuérpia e, junto com Catecismo Heidelberg e os Cânones de Dort, faz parte do que chamamos de Três formas de Unidade.

No seu artigo trinta e cinco, a Confissão faz afirmações que espelham o pensamento de Calvino sobre eucaristia. Primeiro ela defende a interpretação de Calvino sobre João 6:

Porém, a fim de manter a vida espiritual e celestial, que os crentes possuem, Ele lhes enviou um "pão vivo, que desceu do céu" (João 6:51), isto é, Jesus

²¹ Catecismo de Heidelberg, pergunta 76.

Cristo. Ele alimenta e mantém a vida espiritual dos crentes quando é comido, quer dizer: aceito espiritualmente e recebido pela fé.²²

Depois, ela afirma categoricamente a importância do Espírito Santo na Santa Ceia dizendo:

Agora, há certeza absoluta de que Jesus Cristo não nos ordenou seus sacramentos à toa. Então, Ele realiza em nós tudo o que nos apresenta por estes santos sinais, embora de maneira além da nossa compreensão, como também a ação do Espírito Santo é oculta e incompreensível. Entretanto, não nos enganamos, dizendo que, o que comemos e bebemos, é o próprio corpo natural e o próprio sangue de Cristo. Porém, a forma pela qual os tomamos não é pela boca, mas, espiritual, pela fé. Desta maneira, Jesus Cristo permanece sentado a direita de Deus, seu Pai, no céu [10] e, contudo, Ele se comunica a nós pela fé.²³

Essas palavras parecem refletir exatamente o vocabulário eucarístico de Calvino. A palavra misteriosa, o papel do Espírito Santo alimentando espiritualmente e de forma incompreensível, reflete exatamente o pensamento de Calvino. Parece haver consonância entre os reformadores no que tange ao papel do Espírito na Eucaristia.

Outra confissão importante é a Segunda Confissão Helvética, escrita por Johann Heinrich Bullinger a pedido de Frederico III em 1566. Apesar de falar de forma bem resumida sobre o papel do Espírito na Eucaristia, de algum modo ela representa o pensamento calvinista vigente ao dizer:

que aquele que mandou comer o pão e beber o vinho na ceia não queria que os fiéis recebessem apenas pão e vinho sem qualquer mistério, da maneira como comem pão em suas casas, mas, que participassem espiritualmente das coisas significadas, sendo pela fé verdadeiramente lavados de seus pecados e participantes de Cristo.²⁴

É necessário enfatizar o que já fora dito por Michael Horton, que por “espiritualmente”, a tradição reformada não está falando de algo subjetivo, mas sim, por intermediação, ou vínculo, do Santo Espírito. Aqui, Bullinger expressa exatamente essa ideia. Essa confissão também expressa o pensamento de Calvino ao escrever a palavra “mistério”. Esse pão, apesar de ter sua substância inalterada, como também o vinho, por ser pão sacro por intermédio do Espírito, agora alimenta o cristão de modo misterioso.

A Confissão de Westminster (1646), sem sombra de dúvidas, é o documento mais importante da tradição reformada. Escrita por mais de cento e vinte teólogos na Abadia de Westminster, esse documento, de algum modo, condensa o pensamento calvinista reformado e surge com um norteador para todas as igrejas que a subscrevem.

Quanto ao pensamento eucarístico, ela não enfatiza tão diretamente o papel do espírito, mas mostra o recebimento dessas bênçãos de forma espiritual. Obviamente, o pensamento vai sendo construído e solidificado ao longo dos anos, por isso, nessa Confissão, alguns assuntos já são comuns, o que não era no tempo de Calvino. Assim, de forma direta, ela assevera:

²² Confissão Belga, artigo 35

²³ Idem.

²⁴ Segunda Confissão Helvética, XIX

[...]Ele fez de si mesmo; selar aos verdadeiros crentes os benefícios provenientes. desse sacrifício para o seu nutrimento espiritual e crescimento nele e a sua obrigação de cumprir todos os seus deveres para com Ele; e ser um vínculo e penhor da sua comunhão com Ele e de uns com os outros, como membros do seu corpo místico.²⁵

A confissão prepara o terreno para o que viria mais para frente. Ela usa a linguagem eucarística de Calvino. Termos como “nutrimento espiritual”, “penhor da sua comunhão com Ele”, são termos que, originalmente, estão na estruturação do pensamento calvinista. A confissão não só usa, como solidifica o que já era usado.

Comentando sobre esse primeiro parágrafo, Dixhoorn faz a seguinte afirmação:

[...] a ceia do Senhor deve ser observada na igreja como um poderoso símbolo da nossa comunhão com Cristo, pelo seu Santo Espírito. Nós podemos ver que essa refeição comunitária ao pensar sobre os seus primeiros participantes: os discípulos estavam lá comungando com Jesus. Naturalmente, Jesus estava lá com aqueles discípulos de uma maneira que ele não está com os discípulos posteriores. Todavia, Jesus Cristo está presente conosco nessa ceia pelo seu Espírito, um fato que é central para um dos textos-prova proferidos pelos autores dessa Confissão. De fato, Paulo fala de cristãos participando do cálice como aqueles a quem “foi dado beber de um só Espírito” (1Co 12.13). Ele também se refere ao fato de beber do cálice como uma “comunhão do sangue de Cristo” e o ato de partir o pão como uma “comunhão do corpo de Cristo” (1Co 10.16).²⁶

Ou seja, o que os teólogos de Westminster apontaram é exatamente o pensamento calvinista sobre o papel do Espírito. Eles usam o texto prova, indicando que o vínculo do Espírito Santo é que de fato une Cristo e cristãos na Santa Ceia. Caso contrário, a ceia perderia seu valor, uma vez que a ascensão de Cristo é real.

Outro ponto bem importante da Confissão é o ponto sete quando ela faz a afirmação mais contundente sobre o papel do Espírito na eucaristia. O texto diz o seguinte:

Os que comungam dignamente, participando exteriormente dos elementos visíveis deste sacramento, também recebem intimamente, pela fé, a Cristo Crucificado e todos os benefícios da sua morte, e nele se alimentam, não carnal ou corporalmente, mas real, verdadeira e espiritualmente, não estando o corpo e o sangue de Cristo, corporal ou carnalmente nos elementos pão e vinho, nem com eles ou sob eles, mas espiritual e realmente presentes à fé dos crentes nessa ordenança, como estão os próprios elementos aos seus sentidos corporais.²⁷

É necessário refletir sobre o vocabulário utilizado aqui. Quando a Confissão afirma a ideia de elementos exteriores trazendo benefícios interiores, ou seja, recebidos por fé, ou quando ela diz que os participantes se alimentam não carnal, mas espiritualmente, aqui é um espelho exato do que Calvino já havia sintetizado nas Institutas. A confissão deixa claro que Cristo está presente espiritual e realmente presente. Isso tem a ver com o que Calvino já havia dito, ou seja, Cristo, por vínculo

²⁵ Confissão de Fé de Westminster, cap. XXXIX.I

²⁶ DIXHOORN. Chad Von. Guia de Estudos da Confissão de Westminster. São Paulo: Editora Cultura Cristã, p. 388.

²⁷ Confissão de Westminster, cap. XXXIX, VII

do Espírito se faz presente, mas de forma representativa, no pão e no vinho, sua humanidade é vista.

Um dos comentaristas da Confissão de Westminster mais respeitados na teologia contemporânea, explica o que está por detrás das cortinas da confissão quando lida com o papel do Espírito na eucaristia. Tratando do ponto supracitado, Chad Von Dixhoorn diz:

O parágrafo 7 apresenta a antiga doutrina calvinista da presença espiritual de Cristo na ceia [...] Essa participação em Cristo na ceia é “pela fé” e “espiritualmente”. Ou seja, quando nos achegamos à ceia, confiando novamente em Cristo e no triunfo da cruz, encontramos Cristo presente na ceia por seu Espírito Santo. Por meio dessa refeição nós o recebemos pela fé, com todos os benefícios de sua morte reservados aos crentes. Nós nos alimentamos dele. Nós somos providos por Ele. Embora o ato de receber e de se alimentar não seja carnal ou corporal, ele, entretanto é real e verdadeiro.²⁸

Isso também se expressa no Catecismo Maior. Em sua pergunta 168, os participantes da ceia

[...] alimentam-se do corpo e do sangue de Cristo para sua nutrição espiritual e crescimento na graça; têm a sua união e comunhão com ele confirmadas; testemunham e renovam a sua gratidão e consagração a Deus e o seu mútuo amor uns para com os outros, como membros do mesmo corpo místico²⁹.

Na pergunta 170 o conceito é ainda mais explorado:

Desde que o corpo e o sangue de Cristo não estão, nem corporal, nem carnalmente, presentes no, com ou sob o pão e o vinho na Ceia do Senhor, mas, sim, espiritualmente à fé do comungante, não menos verdadeira e realmente do que estão os mesmos elementos aos seus sentidos exteriores, assim os que dignamente participam do sacramento da Ceia do Senhor se alimentam do corpo e do sangue de Cristo, não de uma maneira corporal e carnal, mas espiritual, contudo verdadeira e realmente, visto que pela fé recebem e aplicam a si mesmos o Cristo crucificado e todos os benefícios de sua morte. As especificações enumeradas nas respostas às questões 170 a 175 são deduzidas na natureza da Ceia do Senhor como estabelecida no N.T. Os textos são dados para mostrar que estas especificações estão de acordo com o tema geral das Escrituras. Jo 6:51,53; At 3:21; I Co 10.16; Gl 3:1; Hb 11:1³⁰

Obviamente, não poderia ser diferente, uma vez que o Catecismo é estruturado com base na Confissão, mas é importante notar como isso era ensinado nas igrejas reformadas do século XVII e até hoje naqueles que se mantêm na tradição reformada confessional. Há nesses documentos uma peregrinação no pensamento calvinista, de sorte que suas ideias bíblicas são consolidadas como doutrinas cristãs e extrapolam os muros de Genebra e chegam aos quatro cantos da terra. Em todas elas, o papel do Espírito no pensamento eucarístico segue o argumento de Calvino.

Em suma, a Ceia do Senhor é instituída para lembrança, mas não apenas isso, por causa do aspecto sacro, o pão abençoado, o vinho abençoado, nutrem nossa alma por intermédio do Santo Espírito e nos unem totalmente com o Cristo que vive e reina eternamente em seu trono de glória.

²⁸ Op.cit. 398

²⁹ Catecismo Maior de Westminster.

³⁰ Idem.

4 APLICAÇÕES PASTORAIS E CONCLUSÃO

O vocabulário usado por Calvino na santa ceia ajuda a igreja a entender realidades nem sempre tão óbvias. Comer pão e beber vinho não deve ser apenas um ato religioso, mecânico. É necessário entender exatamente o que está acontecendo ali. Contudo, é necessário fazer bem-feito, uma vez que a mente católico-romana da cristandade tende a abraçar a ideia da transubstanciação.

Explicar a presença real e espiritual de Cristo não é uma tarefa fácil. Uma vez que a temática espiritualidade se tornou mero produto da mente ou das sensações religiosas, é imprescindível explicar os termos bíblicos sobre isso. Uma leitura de textos como João 6 em comparação com 1 Coríntios 10, dão aos cristãos uma visão muito mais apurada e completa do sacramento da ceia.

A própria ideia de sacramento precisa ser melhor entendida e explicada. Para isso, é importante recorrer aos catecismos reformados, demonstrar solidamente o argumento teológico que pavimenta esse conceito importante. Outro fator importante é desconstruir ideias romanistas da mente do povo – especialmente em nosso contexto brasileiro – para que o termo sacramento não carregue consigo um preconceito desnecessário e assim faça o povo perder a noção do que é a Ceia do Senhor em sua plenitude.

Para tanto, é de suma importância que os membros cheguem à mesa do Senhor cômicos de seu dever religioso. A ceia não pode ser apenas um ato mensal no qual comemos pão e bebemos do cálice, antes, é nossa união com Cristo sendo celebrada por intermédio do Santo Espírito. Por isso é necessário o autoexame. Por isso é necessário a consciência do que estamos fazendo naquele momento e quais os benefícios que recebemos por meio daquela santa ordenança.

Os reformadores bem alertaram que a ceia é recebida pela fé, uma vez que não temos noção do que ela é, nem da intermediação do Santo Espírito, é questionável se estamos participando do sacramento com a dignidade que devemos. Obviamente que a ênfase não o intelectualismo frio, mas o conhecimento bíblico que gera piedade. Isso é possível ao mais simples cristão quanto ao mais douto. Aqui, é necessário o ensino profundo da Palavra para que o cristão aproveite desse benefício espiritual com toda a sabedoria e entendimento da graça que ali é derramada, bem como de que modo ele é unido a Cristo quando come e bebe da sacra ceia.

É necessário desmistificar – especialmente em círculos reformados – a ação do Espírito Santo, sem medo de parecer pentecostal. A ênfase à pessoa do Santo Espírito é dada pelo próprio Senhor Jesus, assim, é uma obrigação ensinarmos sobre o papel do Espírito na eucaristia, sem medo, mas sendo fiel as Sagradas Escrituras.

O *Sursum Corda*, apesar de estranho a cristandade do século XXI é um fator importante. Não como um ato religioso impensado ou artificial, mas como um ato de devoção humilde. Colocar-se *coram Deo* entregando e elevando nosso coração a Ele por intermediação do Santo Espírito. Essa deveria ser uma prática mantida nos dias atuais, uma vez que a ceia tomou uma conotação memorial, até mesmo em círculos reformados – mesmo que sem querer. Muitos cristãos ditos reformados, participam da ceia como um memorial e não como um meio de graça, isso porque não entendem o papel do Espírito Santo na eucaristia.

O pensamento de Calvino na santa eucaristia é simples. Cristo havia prometido que seu corpo e seu sangue eram verdadeira comida e bebida. O Senhor Jesus, tempos a frente, instituiu a Ceia em substituição da Páscoa. O apóstolo Paulo,

inspirado por Deus, explica esse conceito e consolida essa prática nas igrejas por onde passa. Calvino, sustentando a ideia bíblica sistematiza tudo isso, conceitua, explica termos, interpreta o texto com clareza e aplicabilidade. Seu real interesse é desfazer os erros e ensinar o povo como a ceia deveria ser melhor entendida.

Enquanto católicos e luteranos tendem a pensar no Cristo encarnado descendo sobre os elementos, seja na transubstanciação, seja na consubstanciação, Calvino olha para cima e imagina Cristo em seu trono de glória. Evitando lidar com o retorno corpóreo de Cristo, o reformador ensina que é por meio do Espírito que somos ligados a Cristo quando comemos do pão e bebemos do cálice. Sem abraçar as teses de Zwinglio, Calvino deixa claro que a ceia é um sacramento e um meio de graça e tudo isso ocorre por intermédio do Santo Espírito. Com isso, ainda que seja difícil explicar certos termos, especialmente aos simples, evita problemas teológicos mais graves como a encarnação e ascensão de Cristo.

É necessário, portanto, entender a natureza eucarística da ceia. Para isso, é primordial que os cristãos cheguem a ela com corações gratos e sinceros. Entendam com alegria nossa união com Cristo. Esse benefício nos aperfeiçoa, nos fortalece, demonstra publicamente de quem somos e qual a nossa missão nesse mundo.

A conclusão final é que Sacra Ceia deve ser observada pela Igreja até o retorno de Cristo. Enquanto o Senhor Jesus não retornar, é necessário que estejamos unidos com ele e fortalecidos por ele, por meio do alimento espiritual que é seu corpo e seu sangue, representados nos elementos pão e vinho. O Santo Espírito, que em nós habita, nos leva a Cristo e testemunha publicamente a união da noiva com seu noivo. Nesse processo, somos nutridos espiritualmente e recebemos graça de Cristo sempre que comemos com fé os alimentos da santa ceia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO, João. **A verdade para todos os tempos: um breve esboço da fé cristã**. São Paulo: PES, 2008.

CALVINO, João. **De Calvino ao Cardeal Sadoletto**. Disponível em: <http://projetocasteloforte.com.br/wp-content/uploads/2017/03/DE-CALVINO-AO-CARDEAL-SADOLETO-COM-CAPA.pdf>. Acessado: 20 de novembro de 2019.

CALVINO, João. **Institutas**, IV 17.18.

CATECISMO MAIOR DE WESTMINSTER. São Paulo: Cultura Cristã,

CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER. São Paulo: Cultura Cristã,

DE BRÉS, Guida. **Confissão Belga**, 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2011

DIXHOORN. Chad Von. **Guia de Estudos da Confissão de Westminster**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2017.

HORTON. Michael. **Doutrinas da Fé Cristã**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2016.

KINNEER, Jack. O uso do "sursum corda" em Calvino. In: **Sociedade pela liturgia reformada**. Trad. Eduardo Henrique Chagas. Disponível em [<http://liturgiareformada.blogspot.com.br/2017/01/o-uso-do-sursum-corda-em-calvino.html>], Acesso em 7 de dezembro de 2019.

OLIVIANOS, URSINOS, **Catecismo de Heidelberg**, 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

PARKSONS, Burk. **João Calvino: amor à devoção, doutrina e Glória de Deus**. São José do Campos: Editora Fiel, 2010.

Segunda Confissão Helvética, XIX